



A crônica e o jornal: Lourenço Diaféria na Folha de S. Paulo

The chronicle and the newspaper:
Lourenço Diaféria in Folha de S. Paulo

Kelly Yshida

Doutoranda em História
Universidade Federal de Santa Catarina
kellyshida@gmail.com

Recebido em: 17/10/2017

Aprovado em: 07/12/2017

Resumo: A análise da crônica jornalística permite ao historiador compreender diversas questões sobre o contexto no qual foi elaborada e circulou, especialmente quando estamos diante da imprensa do século XX. Este tipo de texto tem como uma de suas principais especificidades o diálogo entre jornalismo e literatura, pois é marcado pelo suporte no qual está inserido. Sendo assim, atentar para esta relação nos permite perceber a dinâmica de elaboração da crônica, bem como as críticas presentes nela e os acontecimentos com os quais dialoga. Com este intuito, neste artigo busca-se explorar algumas das potencialidades do gênero a partir de uma das publicações do cronista Lourenço Carlos Diaféria, escritor que atuou na *Folha de S. Paulo* durante a vigência da ditadura militar.

Palavras-chave: Crônica jornalística, Literatura, Lourenço Diaféria.

Abstract : The study of the journalistic chronicle brings several questions to historians about the context where it was published and read, mainly when we analyse the 20th century press. This literary genre has as a specificity: the dialogue between journalism and literature, particularly because of the media where it is published. This relation is important to observe the elaboration of the chronicle and the events that dialogues with the text. To present the analysis and explore some of the potentialities of this literary genre, the exercise here is about a journalistic chronicle of Lourenço Carlos Diaféria published in *Folha de S. Paulo* during the context of the military dictatorship.

Keywords: Journalistic chronicle, Literature, Lourenço Diaféria.



Esta análise da crônica jornalística parte do entendimento de que a literatura está vinculada à vida material e é expressiva das experiências possíveis em determinado momento histórico. A literatura, nesse sentido, não é autônoma em relação à sociedade, tampouco se insere em uma esfera distante desta¹. E as crônicas, compostas na perspectiva do “simples rés-do-chão” ou das “cousas miúdas”, são objetos ricos em detalhes da vida comum e possibilitam – não menos que outras formas literárias – percepções sobre o contexto em que foram produzidas.

Os estudos sobre as crônicas jornalísticas contam com contribuições de diferentes áreas de conhecimento e tendem a ser vistas como “gênero híbrido”, evidenciando as relações entre jornalismo e literatura. A reflexão deste artigo é sobre esta vinculação e, como forma de dar visualidade a ela, o exercício é feito a partir de uma publicação do cronista Lourenço Carlos Diaféria, que escreveu para a *Folha de S. Paulo* entre 1964 e 1980 e que foi personagem importante neste periódico, especialmente durante os anos de reabertura política.²

A crônica jornalística

O início da trajetória do gênero remete aos folhetins. “O *feuilleton* designava um espaço determinado no jornal – o *rez-de-chaussée* (rés-do-chão)”³. Surgiu a partir dos escritos jornalísticos na França e, com a circulação dos periódicos, alastrou-se pela Europa e pelo Brasil.⁴ A crônica jornalística talvez encontre uma de suas melhores definições no título *Comentários da semana*, atribuído às publicações de Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1861. Nelas, o cronista discutia fatos da semana anterior, dialogava com as notícias e comentava o que lhe fosse interessante. Cabiam nestes textos “a política, os acontecimentos sociais da corte, um pouco das notícias do exterior, as novidades da semana, o teatro, a literatura, entre outros”⁵.

Ela foi se moldando ao leitor e ao cenário nacional. Para o crítico literário Antonio Candido, firmou-se quando o jornal se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande,

¹ A literatura é entendida como parte da cultura, esta compreendida como “todo um modo de vida”, onde “as artes são partes de uma organização social que é claramente afetada de forma radical por mudanças econômicas” (WILLIAMS, Raymond. *Culture is ordinary*. In: Gable, Robin (ed.). **Resources of hope**. London. Verso, 1989).

² Este artigo constitui parte da Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. YSHIDA, Kelly. **O falso cômico e o circo urbano: Lourenço Diaféria e o processo desencadeado pela crônica jornalística Herói. Morto. Nós. (1977-1980)**. 284f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

³ GRANJA, Lucía. **Machado de Assis - as primeiras crônicas: o surgimento do grande cronista**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1992. p.9

⁴ A trajetória da crônica no país tem suas explicações em diferentes modelos. Há, por exemplo, a de Jorge de Sá (1987, p.5-7) que coloca Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao rei português, como o primeiro cronista do cenário brasileiro. O crítico afirma que a carta estabeleceu um dos princípios da crônica, ou seja, o registro do circunstancial.

⁵ _____. **Machado de Assis - as primeiras crônicas**, p.15.



podendo até ser considerada um “gênero brasileiro”, pelo modo como se desenvolveu no país⁶. Nesse caminho, a crônica foi se estruturando, adquirindo expressões como o humor, a sátira e a crítica social. Para o autor, isto configurou o amadurecimento do gênero, que ia deixando seu caráter informativo e ganhava uma forma mais coloquial de expressão. Caracterizava-se, então, a “fórmula moderna”, próxima da poesia e do humor⁷.

Vista como “balão de ensaio”, a crônica serviu como meio de testar elaborações literárias que posteriormente seriam publicadas em suportes mais duradouros. Na carta de um dos leitores da *Folha de S. Paulo* as crônicas de Lourenço Diaféria foram qualificadas de “sobremesas”⁸, em consonância com a descrição do crítico Antônio Dimas, de um “oásis lúdico em meio à aridez das notícias secas”⁹, um “descanso para o leitor”¹⁰. Contudo, cabe destacar que o convívio entre o caráter literário, o aspecto lúdico e a atuação informativa é possível. No caso da crônica, é a aparente leveza que parece tornar as problematizações que aponta mais acessíveis e procuradas pelo público.

A trajetória da crônica jornalística no país demonstra não apenas a ligação com a literatura nacional, mas também com a constituição do jornal impresso. À primeira vista leves, estes textos abarcam relevantes críticas sociais. E há particularidades quando pensamos sobre a imprensa no século XX, pois seu alcance e modo de operar se tornaram cada vez mais ligados a estrutura mercadológica das empresas de comunicação. Assim, a crônica, quando inserida em um meio de comunicação empresarial, objeto de consumo, veicula-se largamente, tendendo a alcançar um grande público.

O jornal faz parte dos embates e do imaginário de uma época, suas publicações ordenam a compreensão dos acontecimentos e dão sentido a uma gama de informações fragmentadas. Quando o texto literário está no jornal sua duração acompanha a do suporte. Para Antônio Dimas, esta vinculação está tanto na brevidade dos temas quanto na velocidade da demanda imposta pela produção do impresso. A crônica necessita da agilidade do jornal. Os revezes do tempo atuam nela “enquanto interpretação parcial de um fato; enquanto matéria breve; enquanto urgência de elaboração”¹¹. Para o historiador Fernand Braudel, as produções do jornal são

⁶ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁷ CANDIDO. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. p.14-15.

⁸ DUTRA, Lazaro. Sobremesa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 de abril 1988, p.3

⁹ DIMAS, Antônio. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?. **Revista Littera**. n. 12, Ano IV, set/dez, Rio de Janeiro, 1974, p. 47.

¹⁰ _____. **Revista Littera**, p. 49.

¹¹ _____. **Revista Littera**, p. 48.



exemplares da curta duração:

O tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas rápidas tomadas de consciência – o tempo, por excelência, do cronista, do jornalista. Ora, notemo-lo, crônica ou jornal fornecem, ao lado dos grandes acontecimentos, ditos históricos, os mediócrs acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação. Assim, cada um compreenderá que haja um tempo curto de todas as formas de vida, econômica, social, literária.¹²

Por suas especificidades, cabe perceber que mesmo os “mediócrs acidentes” ou as “rápidas tomadas de consciência” são lugares legítimos de percepção da realidade. Por ter sido, muitas vezes, entendida apenas como texto breve sobre banalidades, a crônica jornalística acabou sendo considerada uma “espécie de filha bastarda da arte literária”¹³.

Nesse sentido, Dimas questionou o hábito de desprestigiar a crônica, a “má vontade” com a gênero, devido ao seu financiamento e fugacidade. Seu caráter utilitário a tornava pouco interessante para alguns olhares, que a viam apenas como fonte de renda do escritor – “inserido numa sociedade em que a divisão do trabalho ainda não atingiu um nível ideal, aborrece ao intelectual-jornalista ser coagido a dispensar seu esforço em benefício da sobrevivência imediata”; mais que isso, “sua liberdade de criação se vê ameaçada não só pela premência do tempo, que não lhe permite trabalhar o texto, como também pelo inevitável condicionamento da matéria frente à direção do jornal e frente ao gosto do grande público.”¹⁴

Contudo, não há um sentimento homogêneo diante da crônica, Lourenço Diaféria, por exemplo, considerava-se um cronista de jornal sem julgamentos negativos sobre sua atividade. E, para a análise, não é necessariamente negativo percebê-la nos termos de uma coluna que busca atingir um público específico e, por vezes, auxiliar a vendagem do jornal ou mesmo garantir uma fonte de renda ao seu autor. Para Antonio Candido, o *status* diferente em relação às demais literaturas não é mal visto, seu caráter “menor” a tornaria mais acessível, a exaltava afirmando: “‘Graças a Deus’, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (...) Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia.”¹⁵

Para o crítico, esta simplicidade e a acessibilidade da narrativa permitem “recuperar com a

¹² BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 45.

¹³ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **História das coisas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p.11.

¹⁴ DIMAS. **Revista Littera**, p.47.

¹⁵ CANDIDO. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**, p. 13.



outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta candidata à perfeição”¹⁶. Ser simples não impossibilita o comprometimento do autor e sua atuação na sociedade, o trabalho sobre a linguagem é parte constitutiva de sua produção, não um acaso. Afinal, “aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”¹⁷.

Lourenço Diaféria afirmou que “as coisas banais não significam coisas desimportantes. São apenas coisas que nunca chegam às manchetes da imprensa e ao horário nobre da televisão”¹⁸. Para Dimas, graças a seu caráter de “depoimento sobre o tempo circundante”, elas constituem um lugar precioso para compreender a cosmovisão dos autores, “pois seus (pré)juízos, decorrentes de uma visão de mundo que se estratifica, afloram com espontaneidade ou se deixam surpreender”¹⁹. Mas também cabe questionar essa “espontaneidade” do cronista. Não seria uma imagem que o próprio autor se esforçaria para construir? Mesmo que tenham caráter opinativo, as crônicas se fazem no regime de trabalho do jornal. É difícil estabelecer até que ponto o texto feito em um veículo comercial, que tem uma relação tão próxima com diversos tipos de censura, é um lugar privilegiado de acesso às concepções mais “espontâneas”.

Não se nega que a linguagem coloquial ou o ritmo rápido de produção permitam possibilidades particulares de expressão, mas coloquialismo e espontaneidade são subterfúgios que, quando bem articulados, permitem que a crônica transite entre a reflexão do autor e a notícia. Por isso, quando publicada em livro, ela perde parte de sua eficácia inicial, mesmo que ganhe outras possibilidades de leitura. Afinal, é “filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”²⁰. Em seus moldes jornalísticos, é feita para ser impressa em um veículo de informação transitório, como o periódico. Sua durabilidade pode se expandir com a publicação em livro, mas “como no preceito evangélico, o que quer salvar-se acaba por perder-se; e o que não teme perder-se acaba por se salvar”²¹.

Ao ter suas crônicas reunidas em livros, Diaféria as agrupou em eixos temáticos. Seus sentidos acabam diferindo daqueles iniciais, mesmo que suas questões centrais permaneçam. Podem, por exemplo, tratar da violência em determinada obra, passível de ser relacionada de forma mais abrangente ao momento político de sua produção, porém, a leitura dificilmente será a

¹⁶ _____. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, p.13-14.

¹⁷ CANDIDO. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, p. 19.

¹⁸ DIAFERIA, Lourenço. *A longa busca da comodidade*. São Paulo: Editora Ceres, 1988, p. 12.

¹⁹ DIMAS. *Revista Littera*, p. 48.

²⁰ _____. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, p. 14.

²¹ _____. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, p. 15.



mesma proposta no jornal. Não há consenso sobre ganhos ou perdas de crônicas jornalísticas reunidas em livros, mas na análise histórica, parece faltar algo na crônica posta apenas diante de suas semelhantes.

Fator relevante é a mudança do leitor ou do modo de recepção do texto, no que tange a acessibilidade e tempo de apreensão. Para o crítico literário Jorge de Sá, esta mudança é positiva na medida em que “as possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura”²². Esta transição é significativa para análise no âmbito da história, pois os meios de publicações permitem perguntas diferentes. Em jornal, temos o acesso às referências de sua produção, aos embates políticos e econômicos. Por outro lado, é certo que a crônica em um suporte mais duradouro facilita o estudo intertextual.

Enfim, considerar a relação com o jornal é de grande relevância para o estudo da crônica, o que não significa reduzi-la às referências diretas. As vivências que ultrapassam os limites da redação do jornal são importantes para perceber e fundamentar as próprias escolhas do autor. Há, para além das notícias, outras questões das quais lançam mão os escritores, seja de sua própria trajetória – como educação, trabalho, família e outras relações em sua vida privada – ou de cenários externos. É importante pontuar que, mesmo sem notícias ou outras referências explícitas, os debates são sempre relacionados às possibilidades de seu contexto.

O cronista e o jornal: Lourenço Diaféria e a *Folha de S. Paulo*

Sou um artesão de variedades, um falso cômico de entreato, mas levo uma desvantagem em relação aos palhaços. Não tenho direito de usar a máscara da pintura. Não posso esconder o meu riso, e não posso esconder o meu choro.

Tenho de aparecer aqui – franqueado, aberto, inteiro.

Em cada linha, em cada letra, em cada sinal, eu me traio e eu me entrego e eu me jogo, como se lança no ar o trapezista no seu salto triplo cotidiano. Sem rede.²³

Lourenço Diaféria foi descrito como um “fotógrafo do cotidiano”²⁴ e se identificava como cronista de jornal. Em seus textos dava ênfase tanto às situações triviais quanto aos fatos políticos e econômicos de grande alcance. Tinha como uma de suas temáticas mais recorrentes a vida dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade de São Paulo. Mesmo que suas crônicas fossem construídas com o intuito de caracterizar uma “narrativa de improviso”, eram elaboradas com

²² SÁ, Jorge de. **A Crônica**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2001, p. 85-86.

²³ DIAFERIA, Lourenço. Duas ou três palavras de saudade. *Folha de S. Paulo*, 10 de maio 1975. p. 29.

²⁴ Como qualificam os jornalistas Jorge Vasconcellos e Claudiney J. Ferreira, na referência de contracapa do livro **A longa busca da comodidade**, de Lourenço Diaféria, publicado em 1988.



riqueza de detalhes. Nelas, seus personagens desfilam e interagem em espaços da vida privada e de atividades sociais.

Inspirava-se, majoritariamente, nas notícias diárias e memórias que tinha do Brás, bairro paulistano onde passou a infância. O lugar era seu principal elo com a cidade de São Paulo, de onde partiram muitas de suas reflexões sobre os imigrantes, fábricas, trabalho e mudanças decorrentes da expansão urbana. Diaféria possuía forte vínculo com a Igreja Católica, não apenas espiritual, mas como lugar de participação política e social, de onde trazia muitos de seus valores e posturas, inclusive em oposição à ditadura instaurada em 1964. O cronista também foi um notório torcedor do Sport Club Corinthians Paulista.

Seu desejo explícito era mostrar parte da “multidão de mudos e silenciados”²⁵, em oposição às manchetes, nas quais se estampavam figuras de respaldo na cena pública. Alguns personagens tinham nomes de pessoas reais enquanto outros representavam figuras recorrentes entre a população: a família de Dona Maria do Rosário, pernambucanos que tentavam uma vida melhor em São Paulo, cujo filho fora assassinado por um policial dentro do próprio “barraco”²⁶; o rapaz que, desempregado, decidiu ser vendedor de bandeiras durante a Copa de 1974²⁷; Zé da Bóia, considerado o “campeão mundial brasileiro de iatismo fluvial” graças às enchentes e à falta de saneamento em São Paulo²⁸; o Sr. Henrique Maia, também vítima das enchentes, que reclamava do descaso de políticos com a cidade²⁹; além de Almeida de Tal, que conseguiu o cargo de “controlador de supérfluos” e acabou despedido por ter sido considerado “altamente supérfluo”, já que seu trabalho bem realizado e seus cortes prejudicaram os interesses em jogo no serviço público³⁰.

Desde 1964 publicava na *Folha de S. Paulo*, jornal de expressividade no campo midiático brasileiro, com grande alcance e influência tanto no espraiamento de informações quanto na formação de opiniões. Com relevância anterior ao período militar, sua consolidação esteve vinculada à própria modernização dos meios de comunicação. Mas, sabe-se que a imprensa não é neutra e que a chamada “grande imprensa” – com reconhecidos interesses comerciais – é ainda menos e, na década de 1960, a *Folha* foi uma entusiasta da intervenção militar que culminou no golpe de 1964.

²⁵ DIAFÉRIA, Lourenço. **O invisível cavalo voador**. São Paulo: FTD, 1990, p.10.

²⁶ DIAFÉRIA, Lourenço. Desculpe o que fizemos, garoto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 de abril 1974, p. 41.

²⁷ DIAFÉRIA, Lourenço. O vendedor de bandeira. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 de jun. 1974, p. 33.

²⁸ DIAFÉRIA, Lourenço. O incrível campeão Zé da Bóia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 de jan. 1976, p. 25.

²⁹ DIAFÉRIA, Lourenço. A falta que faz um monstro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 de abril 1976, p. 27.

³⁰ DIAFÉRIA, Lourenço. O terrível controlador de supérfluos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 de mar. 1976, p. 35.



Durante o governo do presidente Ernesto Geisel, a *Folha de S. Paulo* se moldou a uma nova perspectiva, por meio da reforma promovida por Cláudio Abramo, jornalista experiente que ali atuara entre 1969 e 1972 e, posteriormente, em 1975. Na chefia da redação, propôs mudanças que visavam a aproximação com as reivindicações civis, num momento em que questionamentos acerca da reabertura política se aproximavam do ideal de democracia participativa. Abramo foi, assim, considerado o principal responsável pelo caráter questionador que a *Folha* assumiu nessa sua nova fase. É interessante perceber que, dentro do novo projeto para o jornal, um de seus incômodos era a coluna *Prata da casa*, a qual caracterizou como “uma seção de crônicas de pessoas da redação, um lixo”³¹. Era justamente a coluna na qual Lourenço Diaféria começou a publicar, em 1964.

Em 1977, Diaféria foi acusado de ofensa às Forças Armadas devido à publicação da crônica *Herói.Morto.Nós.*, na qual dizia, entre outras ironias e críticas, que “o povo urina nos heróis de pedestal”. Era uma referência a cultuada imagem do patrono do Exército, Duque de Caxias, em oposição ao sargento Silvio Hollembach, que havia morrido após pular em um fosso de ariranhas para salvar um menino, evento estampado na capa do jornal. Após o cronista ser preso, a *Folha* publicou sua coluna em branco, o que foi um de seus principais atos de oposição após as atitudes positivas no momento do golpe.

O processo contra o jornalista se estendeu até 1980, foi acompanhado pela imprensa e mobilizou diversas instituições, chegando ao Supremo Tribunal Federal e ao Supremo Tribunal Militar. Diaféria foi absolvido após o longo processo jurídico. Embora *Herói.Morto.Nós.* seja uma crônica significativa do autor, era recorrente fazer suas críticas a partir dos acontecimentos recentes e presentes no jornal. Lourenço Diaféria foi um dos principais cronistas da *Folha de S. Paulo* e foi pelo conteúdo de sua obra e atuação social que ele se tornou vigiado pelos militares.

A crônica no jornal: “Quem está torta não é a colher. É a situação.”

A estruturação da *Folha de S. Paulo* como jornal empresarial e suas consequentes relações com o regime estabelecido em 1964 constituíram o meio no qual Lourenço Diaféria atuava. Sua literatura esteve imbricada na relação com a empresa de comunicação, ou seja, o jornal não era apenas suporte ou local de diálogo entre notícias e texto literário. Problematizar a crônica de Diaféria como parte de um quadro ainda mais amplo é importante para compreendermos os conteúdos e consequências de sua produção na *Folha*, como a apresentada anteriormente. É

³¹ ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 86.



possível um exercício para demonstrar a proximidade da crônica com o jornal e com os eventos próximos de sua publicação.

Em 17 de julho de 1976, a *Folha* publicou *Quem está torta não é a colher. É a situação*, assinada por Diaféria. No texto, as questões sociais e econômicas emergem a partir de problemáticas rotineiras:

Entortar colher e garfos?
Ora, minha senhora, isso é fácil.
Difícil é viver com salário mínimo.
Difícil é saber em quem votar nas próximas eleições.
Difícil é descobrir onde está o governador.
Difícil é prever quando vai terminar a censura.
Difícil é informar quando será o próximo aumento da gasolina.
Difícil é arranjar a solução para o problema da habitação popular.
Difícil é atravessar a Avenida 23 de Maio na hora do “rush”.
Difícil é melhorar o nível do ensino nas escolas.
Difícil é evitar fraudes nos vestibulares e nos exames supletivos.
Difícil é saber quando o leite não está contaminado.
Difícil é levantar a moral da torcida.
Difícil é fazer andar a burocracia nas repartições públicas.
Difícil é endireitar as filas da Previdência Social.
Difícil é informar quem vai ganhar a corrida armamentista,
Difícil é saber quando será o próximo aumento do dólar.
Difícil é garantir onde vai parar esta inflação.
Difícil é tomar água mineral sem susto e sem preocupações.
Difícil é desentortar o país.
Difícil é contar a verdade ao telespectador.
Difícil é aceitar críticas e sugestões.
Difícil é ter de sorrir.
Difícil é ter de enfrentar o supermercado e a feira-livre.
Difícil é conseguir poupança para botar na caderneta.
Difícil é ter de concluir que nada mudou na casa do Joca.
Difícil é a gente ter de continuar confiando no futuro, porque no presente já não dá mais.
Difícil é viajar nos trens de subúrbio às 6 da manhã.
Difícil é falar aos filhos o que realmente pensamos a respeito disto e daquilo.
Difícil é arrumar um garfo e uma colher que já não estejam tortos.
Difícil é conseguir o que pegar com o garfo e a colher.
Difícil é obter um relógio funcionando.
Difícil é consertar a telha quebrada em cima do barraco.
Difícil é desentortar a folha de zinco da favela.
Difícil é ajustar as antenas do povo.
Difícil é transformar o branco-e-preto da vida num programa em cores.
Difícil é a gente ter de se mancar diante disso que está aí.
Difícil é o povo só ser consultado pelo homem do Ibope.
Difícil (e espantoso) é observar que existem tantos relógios parados, há tanto tempo, na casa de tanta gente.



Ou seja: se não somos sequer capazes de acertar os ponteiros do relógio, imaginem o resto.³²

Aos leitores de hoje, a crônica apresenta-se como uma crítica ao quadro político e social da ditadura. Diaféria demonstrou seu incômodo com o descaso do governo e usou da anáfora para enfatizar suas críticas. A imagem do relógio sem os ponteiros acertados mostrava o descontentamento com a acomodação de parte da sociedade diante dos problemas sociais e dos militares. Esta crônica, uma lista de situações pouco elogiosas, servia como uma apresentação da realidade em que foi escrita.

O próprio título mostra a sutileza e a ironia ao comentar o que ocorria naquele momento. Em julho de 1976, era frequente o anúncio sobre Uri Geller, com os dizeres “não se esqueçam de levar objetos de metal, como garfos e colheres, e também relógios enguiçados”. Figura bastante popular na mídia do período, Geller era um israelense que, “com o poder da mente”³³, entortava metais durante entrevistas na televisão. Para Diaféria, os problemas reais – que não estavam sob o controle da população – não seriam facilmente resolvidos sem atitudes efetivas nem com o “poder da mente”, como fazia a figura midiática.

Pode-se afirmar que há críticas ao descaso do governo em uma de suas frases, ao dizer que é “difícil descobrir onde está o governador”. Mas três dias antes da publicação de *Quem está torta não é a colher. É a situação*, a *Folha de S. Paulo* publicou o texto *Afinal, onde se encontra o governador?*, questionando a ausência de Paulo Egydio Martins, governador de São Paulo de 1975 a 1979; de acordo com o chefe da Casa Civil, Péricles Eugenio da Silva, Paulo Egydio continuava respondendo pela administração estadual³⁴. Na mesma edição, a reportagem intitulada *Péricles explica as férias* indicava que o chefe da Casa Civil sequer sabia se o governador estava em férias no Mato Grosso, como informado por um assessor de imprensa. Mesmo que Diaféria deixasse para o leitor a ambiguidade da frase, há nela uma ligação com os acontecimentos que deve ser levada em conta, pois fez parte da sua construção.

Se também era difícil informar o próximo aumento da gasolina, não foi por acaso que a questão se colocou. A crise do petróleo é uma forma legítima de se entender a crítica, tal crise já havia levado à criação do Pró-Álcool, em 1975, programa governamental para substituição de derivados do petróleo por álcool combustível. Mas no dia anterior à crônica, a *Folha* publicara:

³² DIAFÉRIA, Lourenço. Quem está torta não é a colher. É a situação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 de jul. 1976, p. 23.

³³ Parapsicologia: Uri Geller (anúncio). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 08 de jul. 1976, p. 11.

³⁴ Afinal, onde se encontra o governador? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 de jul. 1976, p.1.



*Gasolina sobe 19,72% hoje à meia-noite*³⁵. O que aproximava o texto do cotidiano do leitor era, entre outros fatores, que tanto as considerações positivas quanto suas reivindicações partilhavam de situações vividas por um grande percentual da população. A manchete *Corrida aos postos de gasolina* tratou das filas para abastecimento, mostrando o descontentamento dos consumidores: “vou ter que comprar gasolina amanhã, depois de amanhã e assim todos os dias, porque eu preciso dela. O negócio é me acostumar, de uma vez, com o novo preço”³⁶. Talvez fossem essas as “cousas miúdas” que Machado de Assis buscou explicar ao falar sobre a crônica, embora em outro contexto.

As fraudes nos vestibulares e supletivos ocorreram no período e também foram acompanhadas pelo jornal, com investigação policial e mobilização do Secretário de Educação³⁷. Da mesma forma, para o cronista, “difícil é melhorar o nível do ensino nas escolas”, quando a *Folha* havia publicado, no início daquele mês, matéria sobre o descontentamento de docentes de uma escola na periferia de São Paulo, por falta de condições em oferecer merenda e água na escola, tendo apenas um banheiro e em meio a uma “epidemia de piolho e sarna”³⁸.

Quanto ao problema do leite, havia sido desencadeada a *Operação Leite*, por fiscais da Secretaria da Saúde, que coletavam amostras nas fábricas, pois “400 mil litros de leite do tipo C vinham sendo vendidos diariamente na Capital como se fossem do tipo B”³⁹. Já a dificuldade de “tomar água mineral sem preocupações” vai além de uma leitura acerca de falhas de saneamento básico decorrentes da expansão urbana, pois naquela mesma semana houve problemas de decantação na Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e redução de 30% no fornecimento de água na cidade⁴⁰.

Há também referências que transcendem o jornal e notícias próximas: são da bagagem cultural do autor. “Difícil é ter de concluir que nada mudou na casa do Joca”, afirmava, dialogando com o samba de Adoniran Barbosa. Este era um dos interlocutores num tema caro ao cronista: a cidade de São Paulo. Pouca coisa tinha mudado na “maloca” do personagem do samba *Saudosa Maloca*, de 1951, no qual era apresentada a cidade em transformação pelo crescimento urbano da década. Na canção, a morada de Mato Grosso e Joca era derrubada para dar lugar a um “ardifício arto”; sem ser o dono do lugar, Joca acredita que “os home tá com razão. Nós arranja outro lugar”. Duas décadas depois, a população posta às margens era personagem do

³⁵ Gasolina sobe 19,72% hoje à meia-noite. *Folha de S. Paulo*, 30 de jun. 1976, São Paulo, p. 17.

³⁶ Corrida aos postos de gasolina. *Folha de S. Paulo*, 01 de jul. 1976, São Paulo, p. 18

³⁷ Fraude no supletivo está sendo apurada. *Folha de S. Paulo*, 05 de jul. 1976, São Paulo, p. 01.

³⁸ CARDOSO, Ireda A. Uma escola cheia de problemas. *Folha de S. Paulo*, 03 de jul. 1976, São Paulo, p. 11.

³⁹ “Comandos” da Saúde contra o leite contaminado. *Folha de S. Paulo*, 01 de jul. 1976, São Paulo, p. 01.

⁴⁰ Sabesp promete: não faltará água. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 de jul. 1976, p. 13.



cronista da *Folha*, que apontava que a dificuldade estava em consertar o barraco, questionando problemas decorrentes da urbanização, como a favelização e a periferação.

Se “difícil é prever quando vai terminar a censura”, este era um tema recorrente em sua coluna. Além disso, o próprio nome do cronista constava no ofício de 12 de janeiro de 1976, da Diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo enviado à Auditoria Militar do mesmo estado, pedindo informações do inquérito sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog. Além de Diaféria, outros 465 jornalistas assinaram a lista. Meses depois, de acordo com o relatório de 10 de setembro de 1976 da Delegacia de Presidente Prudente, Diaféria realizou uma conferência na Faculdade de Direito da Instituição Toledo de Ensino. Nesta ocasião falou das dificuldades que encontrava em seu trabalho, apresentou seu livro *Um gato na terra do tamborim*⁴¹ e, entre outras questões, respondeu sobre o tema *Liberdade de imprensa*, afirmando que “a mesma melhorou bem a partir de 1964, pois hoje em dia o Governo tem se preocupado em colocar técnicos especializados no assunto”⁴². Nestes documentos reunidos pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) não há mais informações sobre o evento, contudo, nota-se a ironia na resposta do escritor que sabia da presença de informantes do governo no local.

Publicada na primeira página do caderno cultura *Ilustrada*, a crônica *Quem está torta...* indica uma série de eventos cotidianos que expõem uma realidade opressora, social e politicamente conturbada, marcada pela violência e pela desigualdade social. Sua interpretação fez parte de um enredo específico e datado e ela se dirigia, voluntariamente, ao seu momento. Mesmo assim, o texto não é uma fotografia, nem mesmo um reflexo da realidade. Há evidentes questionamentos sobre o poder vigente, mesmo que sutis, mas que dão espaço para discursos que estavam em consonância com as crescentes reivindicações contra a atuação dos militares e pela reabertura política. Na análise destas publicações e na convergência dos diversos fatores, nas suas interações, vislumbram-se mudanças ocorridas e desejadas no período – neste caso, utilizando como objeto de estudo as crônicas, a fim de pensar sobre um momento de grande tensão política e social, levando em conta situações vivenciadas fora dos gabinetes políticos.

Essas articulações entre notícias e experiências do autor são essenciais para se entender a densidade de uma crônica jornalística que, mesmo em suas aparentes despreensão e trivialidade, é capaz de expressar contextos vividos pelo escritor, seus leitores e contemporâneos.

⁴¹ Obra com uma reunião de crônicas, lançado em 1976, e primeiro livro publicado por Lourenço Diaféria.

⁴² *Lourenço Carlos Diaféria*. 12/03/81. Arquivo do Estado de São Paulo. Divisão de Informações - Deops. 52-Z-0-28547



Considerações finais

O “hibridismo” da crônica jornalística exige uma análise que atente para os aspectos jornalísticos e literários. Mesmo que muitas vezes seja pautada pelas notícias, a crônica não é compreendida aqui da mesma forma. A imprensa, e a mídia de forma geral, constitui mais do que um quadro de informações pretensamente neutras⁴³, e os cronistas são, eles próprios, leitores que interpretam e julgam, carregando consigo tanto suas opiniões e valores quanto a necessidade de se manterem no mercado de trabalho.

Nenhuma produção midiática é imparcial e livre das subjetividades de quem a produz e das relações dispostas nas empresas, pois há uma expectativa em relação ao suporte que anseia vendagem e visibilidade. A liberdade de criação que o autor tem diante de seus personagens, cenários, diálogos e de toda a estrutura que compreende a obra ficcional, não é ilimitada. Mesmo considerando a potencialidade criativa, há um vínculo entre a obra e o autor que não é, de forma alguma, alheio à sociedade e ao tempo em que vive. O escritor tem seus limites, suas condições, e aquilo que produz não é imune a isto.

Se somos produto de nosso tempo, este pode ser analisado em seus diferentes aspectos, sejam políticos, sociais, econômicos, artísticos, afinal, indivíduos não vivem em zonas isoladas, e tais questões se imbricam na constituição da própria sociedade. Isto justifica a possibilidade de percebermos as crônicas jornalísticas, por vezes vistas como objetos menos relevantes, como documentos legítimos para a pesquisa histórica.

⁴³ Para Nanami Sato, “a vocação da notícia é representar o referente, o que torna a notícia, em princípio, verificável”. Isso é feito com o uso da linguagem na terceira pessoa, para garantir a impessoalidade e o “efeito de objetividade”, ou seja, os acontecimentos são expostos de forma que pareçam constituir a totalidade do real. In: SATO, Nanami. *Jornalismo, literatura e representação*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura**. A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 31